

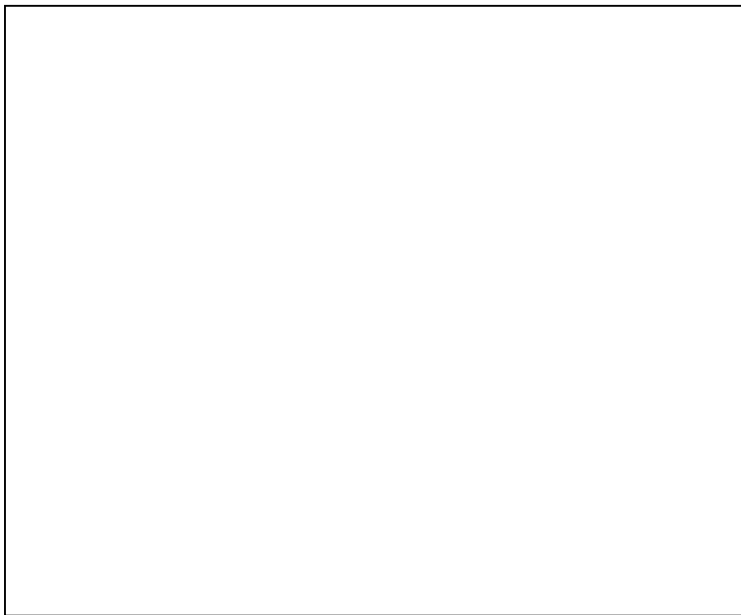
EFURU:

A história das mulheres Igbo na
literatura de Flora Nwapa



Tathiana Cristina Cassiano

Ficha catalográfica



APRESENTANDO O MATERIAL DIDÁTICO

A história de África e das populações afrodescendentes no Brasil, apesar de essencial, tendo em vista a ligação histórica entre o País com o continente africano, nunca foi devidamente contemplada pelos programas curriculares vigentes no País que, por sua vez, adotam uma abordagem histórica colonial e eurocêntrica relegando às populações africanas e afrodescendentes um papel de mero espectador ou vítima passiva dos processos históricos.

O movimento negro no Brasil nunca foi indiferente à essas questões. Desde o processo que resultou na abolição da escravidão, os diversos setores desse movimento se articularam no combate ao racismo, a favor das melhorias das condições de vida, bem como a conquista de um lugar no campo educacional para homens e mulheres negros no País.

Um dos primeiros resultados dessa mobilização foi a inclusão da “pluralidade cultural” como tema transversal dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, aprovados em 1996, que já evidenciava a importância da discussão da questão racial no campo pedagógico. Mas foi a implementação da Lei nº 10.639/2003 (mais tarde alterada pela Lei nº 11.645/2008 que incluiu a questão indígena), que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, com o propósito de construir uma educação antirracista, destacando a multiplicidade de culturas na construção da sociedade brasileira.

Sou professora de História nas redes públicas e privadas de ensino desde o

ano de 2003. O processo de incorporar uma prática pedagógica que atendesse as determinações da lei nº 10.639/2003 foi um processo difícil tendo em vista que a minha formação acadêmica reproduzia uma metodologia de ensino eurocentrada que insistia em uma leitura estereotipada acerca de África e de suas populações.

Foi somente em 2018, quando tive a oportunidade de fazer parte do Programa em Rede de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – desenvolvendo um trabalho de pesquisa sob a orientação da professora doutora Cláudia Mortari, que pude conhecer metodologias outras na construção do conhecimento histórico em sala de aula. Construção esta que, a partir de uma perspectiva desenvolvida dentro do campo dos estudos pós-coloniais e decoloniais, implica em romper com um ensino que desconsidera o protagonismo dos sujeitos e que perpetua o olhar eurocêntrico para as suas experiências históricas, em particular a dos sujeitos africanos.

Nesse processo, percebi a literatura africana como fonte de conhecimento histórico, por meio da qual podemos evidenciar como o autor ou autora relata suas experiências e vivências na construção narrativa de suas personagens. E por que não levar para a sala de aula a literatura como forma de proporcionar um outro olhar acerca de África?

Foi assim que encontrei Flora Nwapa. Uma mulher africana igbo, da atual Nigéria, primeira mulher a ser internacionalmente conhecida por sua literatura. Ao contrário de outros escritores africanos, homens, que tiveram suas obras traduzidas para a língua portuguesa, Flora permanece praticamente desconhecida do público brasileiro apesar da sua importância e pioneirismo na tradição literária feminina em África.

Esse material didático tem o propósito de possibilitar que professores, professoras e estudantes do Brasil não só conheçam a Flora mas também, por meio das histórias das personagens por ela desenvolvidas, possam em sala de aula aprender a produzir conhecimento histórico acerca do contexto da Nigéria colonial e do protagonismo das mulheres ibos por meio de uma fonte literária. Penso que essa é uma eficiente forma de produzir uma educação antirracista e compromissada com a construção de um olhar novo acerca das Áfricas, valorizando as diversidades de experiências no continente, sem hierarquizá-las.

Este material, portanto, é compreendido por mim como uma forma de contribuição na construção de um ensino de História emancipador, dentro do qual povos originários, africanos e afrodescendentes deixem de ser representados a partir do olhar do “Outro” e na condição de subalternos, mas sim como protagonistas e, acima de tudo, produtores de conhecimento sobre suas experiências históricas.

Desejo a todos um ótimo estudo!

ESTRUTURA DO MATERIAL DIDÁTICO

O material didático aqui proposto pode ser utilizado com estudantes dos anos finais do ensino fundamental ou do ensino médio no exercício de construção do conhecimento histórico acerca das experiências de sociedades africanas no

contexto da colonização europeia ocorrida naquele continente entre o final do século XIX e início do século XX.

Utilizo a vida e a literatura de Flora Nwapa como fonte de evidência histórica para perceber as formas de ser, estar e viver no mundo da autora e das personagens por ela retratadas. Desse modo entendemos que a literatura permitirá aos estudantes compreender aspectos de determinadas sociedades dentro do contexto histórico a que ela se refere.

Na **primeira parte** do material, intitulada “Apresentando Flora Nwapa”, apresento a história da autora e do povo Igbo, do qual Flora faz parte, além da obra *Efuru*, seu primeiro romance que a tornou internacionalmente conhecida.

A partir da leitura do romance e tendo em vista os objetivos propostos, selecionei seis **personagens** cujas histórias foram retratadas em pequenos textos narrativos e que estão apresentados na **segunda parte** deste material.

Também selecionei temas como categorias de análise interpretadas por meio das narrativas criadas a partir das personagens da obra a fim de perceber como a autora destaca o protagonismo, as complexidades das relações humanas e experiências das mulheres igbos na Nigéria colonial. Os temas (cosmogonia e ancestralidade, laços de linhagem, colonialismo, trabalho, educação e relações sociais) estão organizados em **textos didáticos** na **terceira parte**. Ao final de cada texto didático, há sugestão de atividades em forma de questões para interpretação dos textos apresentados.

Tendo em vista que a obra *Efuru* só está disponível em inglês, a **quarta parte** deste material traz trechos da literatura que servem de **fontes de pesquisa**, organizados nas mesmas categorias temáticas dos textos didáticos e traduzidos para a

língua portuguesa. Mesmo divididos em categorias, os trechos da literatura dialogam com todos os temas e também aparecem ao longo do material, relacionados com as informações construídas dentro das narrativas ou dos textos didáticos.

A estrutura do material não implica em uma ordem rígida na utilização das narrativas, textos ou fontes. Ela foi pensada tanto como um material de consulta ou de leitura como um material organizado em partes independentes entre si para que o professor ou professora possa ter liberdade de escolher qual a melhor metodologia para sua turma tendo em vista seu próprio plano de ensino.

Sumário

EFURU:

A HISTÓRIA DAS MULHERES IGBOS NA LITERATURA DE FLORA NWAPA

7 APRESENTANDO FLORA NWAPA

8 QUEM É FLORA NWAPA?

9 QUEM SÃO OS IGBOS?

10 A OBRA EFURU

12 AS PERSONAGENS

13 EFURU

16 AJANUPU

17 OSSAI

18 NWABATA

20 OGEA

22 UHAMIRI – A DEUSA DO LAGO AZUL

24 TEXTOS DIDÁTICOS

25 Cosmogonia e Ancestralidade

26 Laços de linhagem

27 Colonialismo

28 Trabalho

29 Educação e Relações Sociais

31 FONTES DE PESQUISA

32 Cosmogonia e Ancestralidade

34 Laços de linhagem

35 Colonialismo

36 Trabalho

37 Educação e Relações Sociais

40 REFERÊNCIAS



Apresentando Flora Nwapa

QUEM É FLORA NWAPA?

Flora Nwapa, pseudônimo de Florence Nwanzuruahu Nkiru Nwapa, foi professora, escritora e editora nigeriana, nascida em janeiro de 1931 em uma família igbo da cidade de Oguta. Sua infância coincidiu com o ponto alto do domínio colonial inglês na Nigéria na cultura, economia, política e educação. Ao contrário da maior parte das mulheres em sua época, Flora frequentou escolas missionárias de educação primária e, mais tarde, escolas de educação superior como a Universidade de Ibadan (Nigéria) e Universidade de Edimburgo (Escócia).

Ela é reconhecida como a primeira mulher africana a publicar uma obra em inglês e obter reconhecimento internacional. A sua primeira obra é o roman-



Figura 1 Flora Nwapa. <https://i0.wp.com/dangerouswomenproject.org/wp-content/uploads/2016/04/Flora-Nwapa.png?fit=520%2C765>

ce *Efuru* e foi publicado, em 1966, pela editora Heinemann quando ela era ainda professora secundária na Nigéria.

Flora também atuou na administração do serviço público, primeiro como secretária assistente da Universidade de Lagos e, depois da guerra civil que assolou a Nigéria, tornou-se ministra da Saúde e Previdência Social no Estado Central do Leste e Ministra das Terras, Pesquisa e Desenvolvimento Urbano.

Insatisfeita com a pouca dedicação da editora inglesa em divulgar suas obras, Flora decidiu fundar sua própria editora: a Tana Press Limited e, em seguida, a Flora Nwapa Books, nos quais não só publicou suas obras como abriu caminho para jovens talentos da literatura como Ifeoma Okoye.

Além dos romances *Efuru*, *Idu*, *Never Again*, *One Is Enough*, *Women are Different*, Flora também publicou livros de contos, como *Wives at War and Other Stories* e livros infantis como *MammyWater*. Suas obras se destacam por evidenciar o protagonismo das mulheres mesmo diante da violência da colonização e da guerra, contrariando a tendência de outros escritores africanos, particularmente homens, em retratá-las de forma unidimensional e submissas.

Por sua vida e obra, Flora recebeu vários prêmios nacionais e internacionais e percorreu vários países como palestrante e professora convidada de universidades como a East Carolina University, nos Estados Unidos. Apesar da importância da autora para a história e para a literatura produzida em África, nenhuma de suas obras foi traduzida para a Língua Portuguesa.

Em outubro de 1993, Flora Nwapa faleceu aos 62 anos em decorrência de complicações causadas por uma pneumonia. Considerada a mãe da literatura africana moderna, foi homenageada pelo Google em 13 de janeiro de 2017 quando completaria 86 anos.



Figura 2 Homenagem do Google ao 86º aniversário de Flora Nwapa. <https://www.google.com/doodles/flora-nwapas-86th-birthday>

QUEM SÃO OS IGBOS?

A Nigéria, cuja capital é a cidade de Abuja, é um país com 174 milhões de habitantes localizado na África Ocidental. A população da Nigéria é composta por centenas de grupos de diferentes características culturais e linguísticas, dentre os quais os mais numerosos são os **hausa-fulanis**, os **iorubás** e os **igbos**.

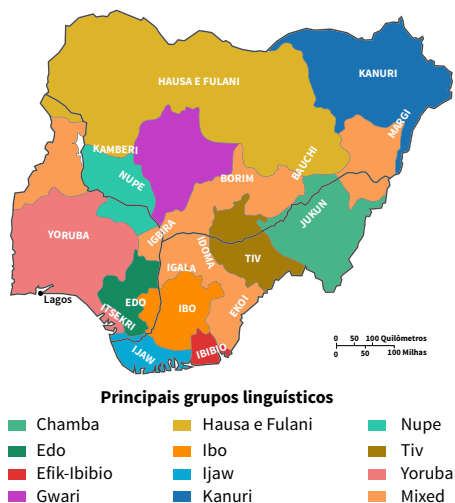


Figura 3 Mapa dos grupos linguísticos da Nigéria.

Antes da chegada dos colonizadores europeus, os vários povos que ocupavam o território no qual hoje é a Nigéria viviam de forma separada com sistemas políticos independentes. Os igbos, grupo do qual a escritora Flora Nwapa fazia parte, eram bastante heterogêneos entre si, inclusive no idioma. Ao contrário de outros grupos, eles não possuíam um chefe ou rei com poder centralizado, mas sim uma organização política na qual as decisões eram tomadas em conjunto.

Cada aldeia era considerada uma unidade política autônoma, autossustentável e sob a égide de uma mesma divindade, na qual um conselho de anciãos, ou seja, grupos de idosos cuja experiência e conquistas os habilitavam a falar por todos, se reunia para discutir os temas que impactavam a vida da aldeia até se chegar a um consenso. Havia também o conselho geral, composto por homens adultos da comunidade que participavam coletivamente de decisões como banimento de indivíduos que desrespeitassem as regras.

Com a chegada dos europeus, a estrutura econômica, política e cultural dos igbos sofre significativa alteração. Os primeiros a chegar foram os por-

tugueses, interessados principalmente no comércio de pessoas escravizadas. As organizações de poder de várias comunidades se alteraram devido os interesses no comércio com os europeus. Os escravizados eram vendidos em troca de armas, **canhões** ou bebidas alcoólicas.

Nwosu e o pescador podiam agora se lembrar vagamente da história dos canhões contada por seus pais. Quando os traficantes davam ao povo os canhões em troca de escravos. Os traficantes brancos eram portugueses, holandeses, ingleses ou franceses. As pessoas os consideravam homens brancos, sua nacionalidade não fazia diferença, eram todos iguais. Os traficantes brancos davam a eles os canhões, as armas e bebidas. As bebidas fizeram o que o cânhamo indiano está fazendo na política hoje. A única diferença é que as bebidas eram legais e o cânhamo indiano ilegal, mas ambos desempenhavam a mesma função. (NWAPA, 1966, p. 254)



Figura 4: Dois antigos canhões abandonados em pátio do Mobee Slave Relics Museum, na cidade de Badagry, Nigéria. Fonte: <https://cdn-0.rachelsruminations.com/wp-content/uploads/2016/02/P2140704-e1578856358442.jpg>

Um exemplo foram os Aros, um subgrupo igbo que se tornou líder comercial no tráfico de escravos na região sudeste da Nigéria, estabelecendo alianças com outros grupos para obtenção de prisioneiros que eram vendidos aos europeus. Acredita-se que os Aros capturavam pessoas que haviam sido punidas pelos conselhos de anciãos das aldeias igbos com banimento, para vendê-las como escravizadas. Mais tarde, com a abolição do tráfico, expandiu-se o comércio do óleo de palma, atividade da qual muitas mulheres participavam ativamente.

A partir da segunda metade do século XIX, a presença britânica na região se consolidou, transformando todo aquele território em colônia da Coroa inglesa. Devido a característica autônoma e descentralizada de organização das aldeias igbos, os ingleses adotaram uma política de colonização de maneira mais direta, com participação de grupos missionários cristãos que atuaram principalmente na educação, implementando a língua, a religião e os costumes do colonizador.

O processo de colonização levou mais de quarenta anos para ser realizado no território que daria origem à Nigéria, alterando a economia e as relações de trabalho, que passaram a ser voltados para a aten-

der as necessidades da economia colonial, assim como os papéis das mulheres igbos que cada vez mais se tornaram responsáveis pela produção e comércio de alimentos como o da mandioca. Esse é o contexto histórico retratado na obra de Flora Nwapa, *Efuru*.

A Nigéria obtém sua independência em 1960 com os diferentes grupos sociais temendo ser dominados uns pelos outros no cenário político, gerando uma profunda divisão que impedia o desenvolvimento de uma identidade nacional. Em 1967 os igbos tentaram se separar da Nigéria proclamando a República de Biafra, porém foram derrotados em uma guerra civil de dois anos e meio que matou entre 1 a 3 milhões de pessoas.

Hoje a população igbo é estimada em cerca 20 milhões de pessoas, a maioria vivendo na região sudeste do território nigeriano principalmente nas cidades de Enugu (considerada como capital igbo), Aba, Onisha, Oguta, Asaba e Port Harcourt.

A OBRA EFURU

Efuru é o primeiro romance publicado por Flora Nwapa. Os escritos foram enviados por ela ao

seu amigo Chinua Achebe, um dos mais importantes escritores nigerianos, que a ajudou a publicá-lo pela editora Heinemann, em Londres, no ano de 1966.

Efuru foi um marco na literatura nigeriana não somente por ter sido o primeiro romance de uma mulher africana a ser publicado em inglês, mas também por evidenciar a perspectiva feminina que, segundo Flora, era negligenciada pela escrita masculina de seus colegas africanos.

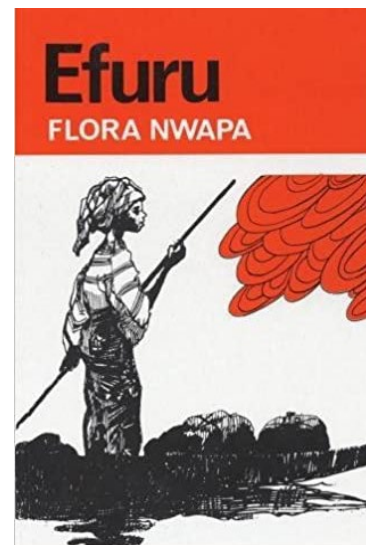


Figura 6 Capa da primeira edição de *Efuru* (1966)

A história se passa numa comunidade Igbo, na África Ocidental, durante o período colonial (atual Nigéria) e é protagonizada por Efuru, uma jovem filha de Nwashike Ogene, líder respeitado dentro da comunidade cuja riqueza tem raízes no antigo comércio de escravizados na região.

A vida e os dilemas de Efuru são desenvolvidos pela autora por meio da interação dessa personagem com outras mulheres importantes na obra: a forte e destemida Ajanupu, a bondosa Ossai, sogra de Efuru, a sofredora Nwabata, a jovem Ogea e, principalmente Uhamiri, a dona do lago Oguta, a deusa que marca o destino de Efuru.

O olhar de Flora para a complexidade feminina fica evidenciado nas histórias criadas para cada uma das personagens, por isso proponho nas páginas seguintes mergulharmos em cada uma das narrativas, em uma viagem pelo universo igbo em suas diferentes temporalidades.



As personagens

EFURU

A bela e jovem Efuru, filha de Nwashike Ogene, um importante homem da aldeia, se destacava por ser uma mulher notável. Tão bela que parecia ser a filha de Uhamiri, a deusa do lago azul.¹ Efuru perdeu a mãe muito cedo, mas foi educada com muito amor pelo pai. Tanto foi a surpresa quando Efuru decidiu fugir para viver com o jovem Adizua, um rapaz pobre e sem condições para pagar o dote.

Adizua era agricultor, mas não era essa a vocação de Efuru. Ela preferiu ficar na cidade e dedicar todo o seu talento de boa negociadora para ir ao mercado e trabalhar no comércio, obtendo assim o dinheiro para o seu dote² e, consequentemente, a benção do pai para o seu casamento. **Foi assim que Efuru conseguiu fazer fortuna**, por isso era admirada por todos, principalmente por sua sogra Ossai e Ajanupu, tia de Adizua, que fez todo esforço possível. para que **Efuru fosse uma boa esposa e mãe**, inclusive ajudando-a quando a pequena Ogonim nasceu.

Efuru e o marido comercializavam inhame. Remavam em uma canoa de sua cidade até um afluente do Grande Rio e de lá para Agbor. Lá, eles compraram inhame e outras coisas raras em sua cidade e os vendiam com lucro. Quando o comércio de inhame estava ruim, comercializavam peixe seco e lagostim. Foi com lagostins que eles fizeram sua fortuna. (NWAPA, 1966, p. 19)

Mas conciliar o trabalho e os cuidados com Ogonim não era o seu maior desafio. Efuru percebeu que seu marido se distanciava, ela se perguntava o porquê



1 Lago azul: lago Oguta

2 Dote: Presente na cultura de algumas sociedades, o dote é a transferência de propriedades dos pais, como presentes, dinheiro ou outros bens quando ocorre o casamento de uma filha.

Efuru estava lá pensando em tudo. Isso está acontecendo comigo ou com alguém que eu conheço, esse bebê é meu ou de outra pessoa? É verdade que tive um bebê, que sou uma mulher afinal. Talvez eu esteja sonhando. Logo acordarei e descobri que não é real. (NWAPA, 1966, p. 33)

e não obtinha resposta. Será que não era uma boa esposa? Onde estava errando? Adizua aos poucos a abandonou, nem mesmo a notícia do adoecimento e morte de Ogonim o fez voltar para casa. Mesmo assim, para não ser acusada de ser uma esposa ruim, Efuru esperou por ele, mas foi em vão.

Efuru parecia ter encontrado a felicidade novamente quando se casou com o jovem Gilbert, um amigo de infância que ela conheceu com o nome de Eneberi, **mas que havia adotado um nome cristão** por ter frequentado a escola dos brancos. Como todos na cidade, Gilbert conhecia a história de Efuru e de como seu marido a deixou apesar de ser uma mulher com tantas qualidades. Efuru também era admirada por sua generosidade, como quando levou ao seu amigo médico pessoas que estavam doentes e que não tinham condições de se tratar.

Ela não via aquele homem há anos, porque os pais dele decidiram mandá-lo para a escola quando ele tinha dezesseis anos. Portanto, ele não pôde se juntar a seu grupo de amigos para dançar e fazer festas, porque a Igreja franziu a testa para essas associações. A Igreja considerava pagão continuar dançando com seu grupo de amigos enquanto você estava na escola. Quando seus pais o enviavam para a escola, você automaticamente se tornava cristão. (NWAPA, 1966, p. 103)

Essa admiração fez com que Gilbert a pedisse em casamento. Efuru, em busca de uma nova oportunidade de ter um casamento feliz, **seguindo todos os protocolos**, aceitou o pedido, afinal, como dizia o provérbio ibo, “Di bu mma ogori” (o marido é a beleza de uma mulher).

Naquela noite, Gilbert e alguns membros de sua família foram à casa do pai de Efuru. Eles trouxeram consigo nozes de cola, vinho de palma, gim caseiro e aguardente. A família de Gilbert e a de Efuru encheram o obi do pai dela. Os parentes de Gilbert disseram às pessoas por que eles tinham vindo e Efuru foi questionada se deveriam beber vinho. Depois do vinho, o dote foi resolvido e Gilbert pagou em dinheiro. (NWAPA, 1966, p. 168)

OBI = habitação de um homem, separado da casa das suas esposas num compound, que é o conjunto de habitações onde mora uma mesma família.

Efuru começava uma nova vida ao lado de Gilbert e de sua nova sogra, Amere, que não lhe era tão simpática, principalmente porque dava muita atenção às palavras de Omirima, uma mulher fofoqueira que estava sempre rodeando sua família.



Figura 7 Foto de um casal de noivos tomando vinho de palma durante a Igba Nkwu, nome da cerimônia de casamento ibo. Fonte: <http://obindigbo.com.ng/2015/12/how-igbos-perform-traditional-marriage-rites/>

A pressão sobre Efuru aumentava a cada dia **por não ter nenhum sinal de gravidez**. E tudo piorou quando, decidida a entender os seus **constantes sonhos com a deusa do lago**, Efuru consultou o dibia³. Ele a informou que havia sido escolhida como adoradora de Uhamiri. As adoradoras da deusa do lago eram conhecidas por serem mulheres belas e prósperas, porém sem filhos. Efuru, agora adoradora de Uhamiri, decidiu procurar uma segunda esposa para seu marido, de modo que ele pudesse ter filhos. A escolha recaiu sobre a jovem e

³ Dibia: um tipo de sacerdote, curandeiro

ainda estudante Nkoyeni, **cujo irmão era soldado e havia servido na guerra.** Contudo, o que Efuru não sabia, era que seu marido tinha um filho fora do casamento em uma de suas viagens a trabalho.

Efuru voltou para casa naquela noite com o coração pesado. Não foi a ideia de outra esposa para Gilbert que deixou seu coração tão pesado. Era o fato de ela ser considerada estéril. Era uma maldição não ter filhos. Seu povo não considerava isso apenas um dos numerosos acidentes da natureza. Era considerado um fracasso. (NWAPA, 1966, p. 207)

Sonho várias noites com o lago e a mulher do lago. Duas noites atrás, o sonho foi muito nítido. Eu estava nadando no lago, quando um peixe levantou a cabeça e me pediu para segui-lo. Tola, eu nadei atrás dele. Mergulhamos. Cheguei ao fundo do lago e, para minha surpresa, vi uma mulher elegante, muito bonita, penteando seus longos cabelos negros com um pente dourado. Quando ela me viu, parou de pentear os cabelos e sorriu para mim e me pediu para entrar. Entrei. Ela me ofereceu cola, me recusei a tomar, ela riu e não insistiu. Ela me chamou para segui-la. Eu a segui como se estivesse possuída. Fomos ao lugar que ela chamou de cozinha. Ela usou diferentes tipos de peixes como lenha, peixes grandes como asa, echim, aja e ifuru. Então ela me mostrou todas as suas riquezas. Quando estava prestes a sair da casa dela debaixo da água, acordei. Eu contei ao meu marido. Ele não conseguia entender o sonho. Então ele me pediu para vir e contar. (NWAPA, 1966, p. 182)

Entretanto, em uma de suas viagens de negócios, Gilbert desaparece por longos quatro meses, não voltando nem para o enterro do sogro. Efuru perde o pai e toda a cidade se mobiliza para homenageá-lo, menos o seu marido, que retorna depois, abatido e fraco.

Foi Ajanupu quem descobriu que Gilbert estivera preso e, mesmo pressio-

Ele não se juntou ao exército voluntariamente ou por qualquer convicção. Isso aconteceu da maneira mais dramática. Um oficial do exército britânico muito impressionante, deve ter sido tenente, veio à escola uma tarde. Ele teve uma breve conversa com o diretor e Sunday, junto com outros quatro garotos enormes, se juntou ao exército. Seus pais choraram no dia em que ele se despediu deles. Sua mãe não conseguiu superar. Ela chorou e incomodou o marido, dizendo que ele havia sido tolo por mandar o filho para a escola. Se o filho dela fosse um dos meninos analfabetos da vila, ele não teria ido para o exército. (NWAPA, 1966, p. 235)

nado por Efuru, Gilbert não quis dizer a causa da prisão. Efuru confiou no marido, arranhou-lhe uma nova esposa, mas a crise continuou. Até que um dia Efuru ficou muito doente e um dibia especializado no tratamento de mulheres afirmou que a doença de Efuru se devia ao fato de ela ter se descuidado das suas obrigações como adoradora de Uhamiri, a deusa do lago. Sacrifícios e oferendas não foram suficientes para recuperar a saúde de Efuru, até que Gilbert insinuou que Efuru estava doente por ser uma mulher adúltera e que só quando ela confessasse seu crime de adultério iria sobreviver.

Defendida por seus amigos e familiares próximos, Efuru voltou para a antiga casa de seu falecido pai. Ela não podia continuar vivendo com alguém que lhe fez uma acusação tão grave. **Efuru vai ao santuário da deusa Utuosu, que a absolve de ter cometido adultério.** Agora ela seguia sua vida como adoradora de Uhamiri, a bela deusa, rica e feliz, mas sem nunca ter experimentado a maternidade.

De acordo com o costume de nosso povo, membros selecionados do meu grupo de amigos foram até o santuário de nossa deusa - Utuosu. Lá eu jurei pelo nome de Utuosu que ela poderia me matar caso eu tivesse cometido adultério (NWAPA, 1966, p. 277)

AJANUPU

Ajanupu era a irmã mais velha de Ossai, mas eram muito diferentes entre si. Ajanupu tinha espírito de luta e não se entregava diante das dificuldades. Dizia-se que enquanto Ossai se entregava ao destino, Ajanupu era uma mulher que interferia no destino, fazendo-o dançar conforme sua música.

Era uma excelente parteira, não porque havia sido treinada, mas por experiência. Ela teve oito filhos, dos quais seis ela fez o parto sozinha. Foi graças a essa experiência que **Ajanupu foi essencial para ajudar Efurú no nascimento e cuidados com Ogonim.**

Antes de Ajanupu ir para casa, listou tudo o que era proibido para uma mulher grávida. Ela não deve sair sozinha à noite. Se ela tiver que sair, então alguém deve ir junto e ela deve carregar uma pequena faca. Quando ela estiver sentada, ninguém deve cruzar a perna. (NWAPA, 1966, p. 29)

Ajanupu conhecia todos os ritos e cuidados que uma mulher deveria ter para ser uma boa mãe, esposa e honrar os deuses e os ancestrais. Ela conhecia a história de todos na cidade, conhecia as ervas e como utilizá-las para a cura de doenças, e ainda cuidou do funeral de Ogonim.

Acompanhou o sofrimento de sua irmã Ossai quando seu sobrinho, Adizua, desapareceu deixando Efurú sozinha para enfrentar a morte de sua única filha. Aconselhava a todos, em particular sua irmã, que sofria pelo comportamento do filho e Efurú que a tratava com o mesmo carinho que tivera pela própria mãe.

Foi Ajanupu quem salvou e protegeu Efurú quando esta foi caluniada enquanto estava doente e sem capacidade de reação. Não só enfrentou Gilbert como o fez parar no hospital após tê-la agredido.



OSSAI

Ossai era mãe de Adizua, jovem fazendeiro que se casou com Efurú. Ossai sabia que um rapaz de origem pobre e humilde tinha sido abençoado por se casar com Efurú, uma mulher bonita e próspera, de uma família distinta, filha de um homem respeitado e admirado por todos.

Ossai não só recebeu bem sua nora como também foi muito bem tratada por ela. Efurú, sempre dedicada, cuidou de sua sogra Ossai e de Adizua, seu marido, além de ser próspera por sua habilidade com os negócios, o que fez Ossai sentir o golpe quando o seu filho abandonou a esposa, não voltando mais para casa.

No fundo Ossai sabia o porquê de Adizua ter feito o que fez. **Ele fez exatamente o que fez o próprio pai.** Ossai foi abandonada pelo marido quando Adizua era um bebê; e, apesar de ter esperado por muito tempo o marido e de não ter ouvido os conselhos de sua própria mãe e de sua irmã, Ajanupu, seu marido nunca voltou. Agora ela sabia que os ancestrais estavam certos com o provérbio que dizia que “o filho de um gorila deve dançar como o pai gorila”, afinal Adizua era exatamente como o pai.

O filho de um gorila deve dançar como o pai gorila. Nossos anciões estavam certos quando disseram isso. Adizua é cada centímetro igual ao pai. Deus, por favor, não deixe que ele seja como o pai. Efurú é uma esposa tão bonita e boa. Como ela concordou em se casar com ele é o que eu não consigo entender. Se Efurú partir, será o meu fim. Deixo de viver o dia em que Efurú largar meu filho. (NWAPA, 1966, p. 59)



Quando Efuru foi embora e se casou novamente, Ossai perdeu as esperanças de que tudo pudesse voltar a ser como era antes. O filho não voltou e, entristecida, adoeceu profundamente. Sem conseguir se alimentar por vários dias e sem condições para ir ao médico devido a sua fraqueza, ela recebeu o apoio de Ajunupu e de Efuru, que chamaram o **dibia para vê-la**. Este avisou que Ossai não iria morrer antes de ver o filho, o que lhe deu um sopro de esperança e a fez esperar pela volta de Adizua por muitos anos.

"Eu não vou dar remédio a ela. Nenhum remédio a curará. Ela terá que realizar um sacrifício aos antepassados e aos deuses para que eles tragam o coração de seu filho para casa. Então você deve comprar um ovo, uma garrafa de óleo de palma e uma nova panela de barro. Quando o galo cantar, ela deve se levantar e lavar o rosto e as mãos. Ela vai colocar o ovo na panela e adicionar um pouco de óleo. O óleo deverá cobrir o ovo totalmente. Então ela levará a panela para uma encruzilhada e quebrará o conteúdo da panela ali. Depois voltará para casa rapidamente. Ela mesma tem que fazer isso", disse a dibia. (NWAPA, 1966, p. 198)

NWABATA

Nwabata era esposa de Nwosu e mãe de vários filhos, sendo Ogea a mais velha.

Uma enchente destruiu toda a plantação de inhames da família, não sobrando nada para negociar e, consequentemente, ficaram sem dinheiro para o pagamento dos impostos. A dificuldade financeira, a possibilidade de ser preso pelo não pagamento dos impostos e a fome fez com que Nwosu, seu marido, entregasse sua filha Ogea de dez anos para o serviço doméstico na casa de Efuru. Em troca, Efuru lhe entregou dez libras.



Nwabata nunca se conformou com o que ela chamava de penhora da própria filha, mas ela não tinha voz nesse assunto. **O marido se ressentia de todo o trabalho e esforço perdido nas águas da chuva.** Estava tão desesperado que pretendia receber à bala os cobradores de imposto. Mas Nwabata conseguiu enganar o marido, trancando-o na câmara interna da casa enquanto dizia aos cobradores que ele não estava.

Meus inhames estavam indo muito bem. Então, apenas algumas semanas antes da colheita, as inundações chegaram. Foi mais cedo do que o habitual. Minha esposa me chamou, porque eu tinha ido para a cidade. Eu vim imediatamente e começamos a colher. Era tarde demais. Eu trabalhei como nunca havia trabalhado antes. A inundação chegou e zombou de todos os meus esforços. A água atingiu minha barriga. Não adiantava. Eu desisti. Vi com os olhos a destruição do meu suor e trabalho. (NWAPA, 1966, p. 43)

Nwabata concordou em entregar a filha com a promessa que no final do ano pagariam Efuru e levariam Ogea de volta para casa. No entanto, como a dívida nunca foi paga, Ogea cresceu trabalhando com Efuru, embora Nwabata trabalhasse comercializando inhame no mercado para juntar o dinheiro da dívida.

Um dia, porém, seu marido, Nwosu, adoeceu e um díbia foi chamado, mas sem sucesso. Nwabata desesperada pediu ajuda a Efuru que levou Nwosu ao médico que atendia em Onicha. Contudo, o médico informou que Nwosu precisava de uma cirurgia, mas Nwabata não aceitou, já que não confiava em médicos. Afinal, para ela, eles poderiam matar o seu marido e deixá-la sozinha para cuidar dos filhos.

Assim, Nwabata tentou de tudo para convencer o marido a desistir da ideia, brigaram inclusive, mas ele a persuadiu. Quando o marido voltou para casa forte e saudável ela não acreditou e o abraçou fortemente, agradecendo aos deuses e aos brancos que o curaram.

No Festival do Inhame,⁴ comemoraram, beberam e comeram em clima festivo, **esquecendo-se até da dívida com Efuru.** Nwosu comprou um título e recuperou a autoestima, mas a alegria durou pouco. Nwabata não se esquecia que essa dívida a fez rir a própria filha e as discussões com o marido sobre esse assunto eram constantes. Seu marido era trabalhador, **mas o *chĩ* deles era responsável por tanta má sorte.** Tudo isso a fazia se recordar de todas as dificuldades que teve para se casar com Nwosu, inclusive, a desaprovação de seu irmão que, por não aprovar o casamento, hostilizava Nwosu, obrigando Nwabata a ameaçar fugir caso o irmão continuasse a persegui-lo.

Então Nwosu chamou seus amigos. Ele comprou uma garrafa de aguardente e cerca de três garrafas de gin caseiro. Então ele comprou vários barris de vinho de palma. Sua esposa também estava em clima de festa e por um tempo esqueceram que deveria pagar o dinheiro de Efuru. Os amigos de Nwosu vieram, dançaram e beberam vinho. (NWAPA, 1966, p. 126)

Este foi o décimo quinto ano de sua vida de casada e, quando ela olhava para trás, via que eles foram anos de longo sofrimento. Ela não podia atribuir a pobreza deles à preguiça. O marido não era preguiçoso. Era o *chĩ* deles o responsável. (NWAPA, 1966, p. 211)

Nos quinze anos em que esteve casada com Nwosu, Nwabata só se incomodava com a pobreza. O marido era bom para ela, nunca teve outra esposa e a sogra já era falecida. Nwosu era trabalhador, mas tudo continuava em falta. A pobreza era a razão de sua amargura, a pobreza a envelhecera precocemente, porém ela evitava discutir com o marido.

⁴ Festival do Inhame: festival igbo realizado no final da estação das chuvas (por volta de agosto) no qual se celebra o encerramento do período de colheita e início de um novo ciclo. É a festa mais importante do calendário igbo.

⁵ Chĩ: tipo de anjo da guarda, o deus que existe em cada pessoa

Mesmo envergonhada por não pagar a dívida, Nwabata recorreu novamente a Efuru. A colheita fora ruim e precisavam de dinheiro novamente. Efuru estava aborrecida por terem se esquecido da dívida quando a situação estava favorável, porém mesmo assim os ajudou. O dinheiro os ajudaria a se recuperar para a próxima colheita, mas ladrões invadiram a casa de Nwabata e levaram tudo.

Nwabata acordou com o barulho dos ladrões, o marido tentou abordá-los com uma faca, porém sem sucesso. O que ela, uma mulher, poderia fazer? Todos diziam que os “frequentadores de Igreja” eram os responsáveis por tanta violência **pois venceram o povo a não ter mais medo dos deuses**, por isso o povo roubava.

O mundo está ruim. Na minha juventude, não havia roubo. Se você roubava, era vendido como escravo. Se sua propriedade fosse roubada, você simplesmente ia a um dos ídolos e rezava para que ele encontrasse o ladrão. Antes de dois ou três dias, você recuperava sua propriedade. Mas esses frequentadores de igreja estragaram tudo. Eles nos dizem que nossos deuses não têm poder, então nosso povo continua roubando. (NWAPA, 1966, p. 223)

A dívida de Nwabata com Efuru só foi resolvida por meio do dote a ser pago quando Ogea se tornou a terceira esposa de Gilbert.

OGEA

Ogea tinha só dez anos quando chegou na casa de Efuru. Não entendia por que seus pais a haviam deixado ali. Ela chorou muito, não queria comer ou fazer nada. Sua função era cuidar de Ogonim, o bebê de Efuru, mas como ela ia fazer isso? Quando Ogonim chorava, Ogea chorava junto por não saber o que fazer.



A estação de plantio está próxima. Não há dinheiro para comprar inhame para plantar. Não há dinheiro a esposa dele negociar mandioca, que está lucrativa agora. Ele me viu hoje de manhã e quando eu lhe disse que você queria uma empregada, ele ficou satisfeito. "Por favor, peça que ela tome minha filha como empregada e me dê dez libras. No final do ano, daremos a ela dez libras mais quatro libras de juros e levaremos nossa filha", ele me disse. Prometi a ele que falaria com voce e aqui está a criança. Se não a quiser, ela terá que voltar para o pai. (NWAPA, 1966, p. 41)

Demorou muito tempo para se acostumar com sua nova situação. Efuru tentou lidar de todas as formas com a resistência de Ogea, mas com o tempo precisou usar de estratégias mais duras: falava firme, açoitava-a quando desobedecia e ameaçou colocar pimenta em seus olhos caso teimasse ou fizesse algo errado.

Ogea acabou se acostumando, ate por que Efuru na maior parte do tempo cuidava dela e a protegia. Além disso, a ensinou a fazer tudo o que uma mulher deveria saber para ser boa mãe e esposa. Medo mesmo ela tinha de Ajanupu, que chamava a atenção dela de forma bastante dura caso fizesse algo errado.

Ogea se apegou à pequena Ogonim e não saía do lado da criança, até que um dia Ogonim ficou doente, muito doente. Ogea e os díbias não sabiam o que fazer e até Ajanupu, com todo seu conhecimento, falhou na tentativa de salvar Ogonim. A pequena morreu e Ogea desesperou-se de tanta tristeza.

O tempo passou e Ogea continuava na casa de Efuru, visitava os pais de vez em quando para ver os irmãos e lembrá-los da dívida com Efuru. Apesar de tudo era uma jovem alegre, teimosa até, mas estava ao lado de Efuru ajudando-a na manutenção da casa e nos afazeres. **Ajanupu se preocupava com Ogea** que muitas vezes se comportava como uma criança inconsequente e que tinha muito o que

aprender sobre os costumes. Quem iria querer se casar com alguém assim?

Quando Ajanupu viu Efuru à noite, ela contou sobre Ogea.

"Você está estragando Ogea. Você apenas a deixa fazer o que ela gosta. Lembre-se de que ela é uma menina e se casará um dia. Se você não a educar bem, ninguém se casará com ela. A propósito, ela sabe cozinhar agora?"

"Ela cozinha inhame para Ogonim. É tudo o que ela sabe fazer."

"Você quer dizer que ela não sabe bater fufu?"

"Não, ela não bate fufu, eu mesmo faço isso."

"Uma garota da idade dela deve saber cozinhar tudo. Você é a culpada." (NWAPA, 1966, p. 50)

Quando já estava quase adulta, Efuru percebeu que já estava na hora de Ogea seguir seu caminho. Foi aí que Ajanupu sugeriu que Ogea fosse indicada como a nova esposa de Gilbert, o marido de Efuru. Ogea gostou da ideia e os arranjos foram feitos. Tudo estava bem até que Efuru ficou doente e, ainda por cima, foi terrivelmente caluniada. Ogea foi a primeira a sair em sua defesa, afinal esse tempo todo Efuru foi como uma mãe para ela.

UHAMIRI – A DEUSA DO LAGO AZUL

Uhamiri é a deusa dona do lago azul. Ninguém deve entrar ou sair das águas do lago sem pedir proteção ou agradecer à deusa. Tampouco podem perturbá-la nas águas calmas do lago onde mora. Dizem que ela deveria ser a esposa de Okita, o deus dono do Grande Rio⁶, **mas eles constantemente brigavam e ninguém sabia o porquê**. O lugar de encontro das águas do lago azul com as águas marrons do rio poderia ser muito calmo ou agitado, dependendo se os deuses estavam brigados ou não.

Por fim, Nwosu e o pescador viram as águas do lago azul se misturando lindamente, majestosamente e calmamente com as águas marrons do rio Grande. O local pode ser muito calmo ou muito irregular, dependendo do clima entre Uhamiri, a dona do lago, e Okita, o dono do Grande Rio. Os dois deveriam ser marido e mulher, mas eles governavam domínios diferentes e quase sempre brigavam. Ninguém sabia a causa ou natureza de suas brigas constantes. (NWAPA, 1966, p. 255)



Figura 8 Imagem do encontro do “Lago Azul” (Lago Oguta) e do “Grande Rio” (Rio Orashi ou Urashi). Fonte: <https://nsforanthony.wordpress.com/2019/03/06/flying-over-the-confluence-in-oguta/>

Uhamiri ficava muito furiosa quando desrespeitavam o seu lar, porém ela era gentil, especialmente com estrangeiros. Ela sabia que os brancos eram estranhos e



⁶ Grande Rio: rio Orashi ou Urashi

não conheciam os costumes, mas era bastante rigorosa quando seu próprio povo a ofendia.

Ela é uma mulher muito bonita, elegante, cujos longos cabelos ela penteia com um pente dourado. Às vezes, ela era vista com um leque na mão e estava sempre maravilhosamente vestida. Ela pessoalmente apresenta seu lar no fundo do lago para suas adoradoras, oferece kola⁷ a elas, mostra sua cozinha e suas riquezas. Na cozinha de Uhamiri peixes são usados como lenha. Toda vez que Efuru sonhava com Uhamiri, no dia seguinte, vendia tudo que levava ao mercado. As adoradoras da deusa do lago são prósperas!

Uhamiri escolhe suas adoradoras, que sempre são mulheres bonitas e se vestem de branco nos dias que realizam cerimônias de sacrifícios à deusa. Efuru se lembrou de uma delas, com o corpo pintado por um giz branco, entoando bem alto uma canção à deusa, balançando-se como se estivesse totalmente possuída. Mas nem todas agiam assim. A obrigação de toda adoradora de Uhamiri era manter determinados ritos especialmente no dia de Orie⁸, o grande dia da deusa, ou seja, um dia santo.

No dia de Orie, Uhamiri não deve ser perturbada, por isso não se pode pescar. Suas adoradoras nesse dia não podem comer inhame ou dormir com o marido. Elas devem dormir de branco e sacrificar uma ave branca à deusa. Outra obrigação nesse dia é ferver, assar ou fritar o alimento preferido de Uhamiri: a banana da terra. Como agradecimento à deusa, a adoradora pode sacrificar uma ovelha branca

em homenagem a ela. As adoradoras de Uhamiri possuem uma panela de barro dentro de casa, cheia com a água do lago coberta com um pano branco.

É uma grande honra ser escolhida, porque a deusa protege suas adoradoras e as banham com riqueza. A cidade de Efuru, Oguta, era cheia de prédios construídos por mulheres que, vez ou outra, haviam sido adoradoras da deusa. Suas adoradoras, apesar de prósperas, não possuíam filhos ou então possuíam poucos. Uhamiri é assim, uma deusa que não conheceu a maternidade e suas seguidoras devem estar cientes disso. Mesmo assim a adoravam. Efuru se perguntava o porquê.

⁷ Kola: noz do fruto de uma árvore típica da África Ocidental, muito usada como estimulante e refrescante. Ela é oferecida aos visitantes ou nas oferendas aos deuses e aos ancestrais

⁸ Afo, Eke, Oye (ou Orie) e Nkwo: nome dado aos dias da semana ou dias de mercado



Textos didáticos

Cosmogonia⁹ e Ancestralidade

Deixe tudo com os deuses e nossos ancestrais, minha filha. Deus curará suas feridas e nossos deuses visitarão Adizua. (NWAPA, 1966, p. 87)¹⁰

O universo dos igbos (uwa) é dividido em terra dos espíritos (ani-mmuo) e terra dos homens (ani-mmadu). Acima disso há o Senhor criador da vida, o Chukwu, cujo trabalho na criação é sempre constante. Ele trabalha com o ser humano (mmadu) para tornar o mundo um lugar melhor, às vezes homem e Criador concordam, às vezes, não. Também acreditavam em várias outras divindades associadas a elementos naturais e nos ancestrais que protegem seus descendentes.

Mas há um elemento bastante importante na cosmogonia igbo: o chi. Entendido como uma espécie de força criadora individual, o chi complementa a identidade humana, não podendo um viver sem o outro. Para os igbos, o chi tem um poder especial sobre o ser humano e que antes mesmo de nascer, é com o chi que o indivíduo negocia seus dons, ta-

lentos e caráter e que define a sua sorte. Assim, uma pessoa é criada por um chi e não há duas pessoas, nem mesmo irmãs de sangue, que possuam o mesmo chi. O chi pessoal é simbolizado por uma pequena escultura chamada Ikenga, cuja posse é reservada aos homens.

Ala (ou Ani), a deusa da terra e da fertilidade, ocupa um lugar de privilégio na cosmogonia igbo. Ela ocupa o papel de juíza da conduta humana, além de ter íntima relação com os antepassados cujos corpos enterrados foram confiados à sua guarda. Ala garan-



te o equilíbrio da vida na comunidade e pune com rigor quem perturba esse equilíbrio cometendo faltas como homicídio, adultério, roubo de inhame, etc. Sacrifícios devem ser feitos à deusa da terra para “remover a abominação” causada por essas faltas.

Figura 9 Foto de um Ikenga, símbolo pessoal do chi de uma pessoa. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ikenga_Igbo_god.JPG



Figura 10 Festival do Novo Inhame. Fonte: http://nigeriansoul.weebly.com/uploads/8/7/2/4/8724373/1909191_orig.jpg

Os espíritos e os ancestrais possuem importante papel na condução da vida na terra. Eles são constantemente consultados por meio de oráculos, sacrifícios são oferecidos a eles para garantir prosperidade, sorte, e, principalmente, fertilidade para a continuação da vida igbo. Por isso, as crianças são consideradas uma bênção e a infertilidade uma maldição. Um dos eventos mais conhecidos no qual se agradece aos deuses e ancestrais por mais um ciclo de colheita é o Festival do Novo Inhame.

9 Segundo dicionário da língua portuguesa, Cosmogonia é o conjunto das teorias, doutrinas, princípios ou conhecimentos que se dedicam à explicação sobre origem do universo.

10 Leave everything to the gods and our ancestors, my daughter. God will heal your wounds and our gods will visit Adizua (tradução nossa)

Há entre os igbos pessoas conhecidas como especialistas, ou seja, que possuem relação privilegiada com Chukwu, com os outros deuses e ancestrais. Os chefes de família se relacionam com os seus antepassados (pais, avós, etc.) assim como os chefes das aldeias que fazem a mediação com os ancestrais daquela comunidade. Todo homem ou mulher adulta pode oferecer sacrifícios aos deuses, principalmente quando orientados pelos sacerdotes que atuam a serviço de uma divindade local, como Uhamiri, a deusa do lago azul de Oguta, cidade onde Flora Nwapa nasceu. Os sacerdotes mais poderosos são os que atuam em nome de Ala, a deusa da terra, e que tem o poder de remover a maldição que está sob uma família ou clã. Há ainda uma figura especial de sacerdote, o Eze Nri, humano espiritualizado e que vive recluso, com importante papel na manutenção da vida igbo.

Os *dibias* atuam como adivinhos e curandeiros a quem todo igbo recorre para resolver seus problemas e buscar orientação. Para os igbos, os *dibias* são possuidores do espírito de adivinhação, o *Agwu*, e possuem o poder de se comunicar com o mundo dos espíritos. Eles também são responsáveis por produzir medicamentos e poções para curar e afastar espíritos malignos.

Sugestão de questões

1. Como Flora Nwapa exemplifica a cosmogonia e ancestralidade igbo por meio das personagens?
2. Como a sociedade igbo trata a infertilidade? Como a autora evidencia esse aspecto na narrativa sobre a personagem Efurú e sobre Uhamiri, a deusa do lago?
3. A cosmogonia igbo ressalta a importância da negociação e da busca por equilíbrio na vida em comunidade. Busque nas narrativas das personagens exemplos sobre isso:

Laços de linhagem¹¹

Eles não enxergavam a razão pela qual Adizua não deveria se casar com outra mulher, pois, segundo eles, dois homens não vivem juntos. Para eles, Efurú era um homem, afinal ela não podia se reproduzir. (NWAPA, 1966, p. 23)¹²

Na sociedade igbo, assim como em todas as sociedades africanas, a maternidade e o casamento são considerados como o **centro das preocupações das mulheres**. A capacidade de gerar filhos é um parâmetro de reconhecimento e sucesso. Os filhos são a garantia de que os pais terão assistência e cuidado em sua velhi-

"Não diga isso, minha filha, não diga isso. Dizemos que uma mulher deixou seu marido, mas nunca dizemos que um marido deixou sua esposa. As esposas deixam o marido não o contrário."
Efurú começou a rir.
"É a mesma coisa para mim"
"Não, não é a mesma coisa." (NWAPA, 1966, p. 111)

ce, por isso a prática da poliginia (quando um homem se casa com mais de uma mulher) é muito comum.

No passado as meninas, desde a tenra infância, eram educadas para exercer o papel que se esperava delas, **o de boa esposa e mãe**. Eram instruídas pelas mulheres mais velhas como se comportar, se vestir, cozinhar, cuidar da família e aprender ofícios que lhe permitisse cuidar dos seus filhos. As deusas da cosmogonia ibo eram sempre associadas a fecundidade.

Considerando essa perspectiva, mesmo quando adquiriam algum poder econômico, as mulheres ainda mantinham a centralidade enquanto geradoras

¹¹ O laço de linhagem é entendido aqui como a constituição de vínculos familiares no qual evidencia-se o papel reprodutivo das mulheres na formação de grupos de parentesco. Esse laço se dá também pelas relações estabelecidas por meio do casamento.

¹² *They did not see the reason why Adizua should not marry another woman since, according to them, two men do not live together. To them Efurú was a man since she could not reproduce.* (tradução nossa)

“Este é o seu marido. Cuide dele e ele cuidará de você. Não fale severamente com ele. Se ele te irritar, espere até irem dormir. Então pergunte a ele baixinho por que ele está incomodado com você. Ele vai explicar. Respeite seu marido e a família dele. Sempre os trate bem. Não custa nada ser cortês com as pessoas.” (NWAPA, 1966, p. 168)

de vida e de laços de linhagem. A maior parte das famílias investia somente na educação dos meninos e, com o aumento da utilização da mão de obra masculina na guerra e na economia colonial (voltada para atender à demanda da Inglaterra), as mulheres se tornaram cada vez mais responsáveis pela produção de alimentos e comércio além dos cuidados com família.

Algumas negociavam posições e condições mais favoráveis dentro da sociedade seja de forma individual ou coletiva. Por exemplo, quando a polí-



Figure 11 Família igbo do início do século XX posando para foto.
Fonte: <https://sexyigbo.com/vocabulary/igbo-family-terms/>

tica colonial decidiu arbitrariamente implementar a cobrança de tributos para as atividades comerciais desenvolvidas pelas mulheres igbos, elas se organizaram em motins que ficaram conhecidos como “Guerra das Mulheres” (1929). Apesar de ter resultado na morte de 55 mulheres, o evento marcou uma significativa mudança no papel político atribuído às mulheres e é considerado um dos primeiros movimentos anticoloniais na Nigéria.

Sugestão de atividades:

1. Leia as narrativas e liste exemplos que confirmam o estabelecimento de laços de linhagem na sociedade igbo apresentada na obra de Flora Nwapa
2. De que forma Flora Nwapa evidencia o protagonismo das mulheres mesmo com o as limitações impostas pelo colonialismo?

Colonialismo

As coisas estão mudando rápido atualmente. Essas pessoas brancas impuseram muita tensão ao nosso povo. A menor coisa que você faz hoje em dia é colocado na prisão. (NWAPA, 1966, p. 7)¹³

A presença do colonizador causou grandes mudanças na sociedade igbo. Flora Nwapa, que nasceu durante a fase colonial, foi educada em escolas fundadas por missionários cristãos e seus pais seguiam a religião do colonizador, essa experiência se reflete na sua escrita e nos temas que aborda em seus romances.

O domínio colonial exercido pela Inglaterra se fundamentou na crença de superioridade racial do homem branco, desse modo os africanos eram vistos como inferiores e de que precisavam de supervisão britânica. Mesmo os africanos que recebiam educação europeia e funções importantes dentro da gestão colonial, eram mantidos subjugados devido à sua origem racial. Os ingleses acreditavam na ideia da “missão civilizadora” do homem branco, que deveria levar os valores e costumes europeus para as sociedades em África, cujos indivíduos eles consideravam “atrasados e selvagens”.

Com a ajuda da Igreja, as crianças eram educadas no idioma do colonizador, costumes tradicionais do povo local, como os ibos, eram reprimidos, assim como **a economia local voltada para atender aos**

interesses da metrópole britânica.

13 *Things are changing fast these days. These white people have imposed so much strain on our people. The least thing you do nowadays you are put into prison.* (tradução nossa)

"Você vai gostar do gin. Minha filha cozinha na fazenda. Quando ela termina, ela a coloca em uma canoa na calada da noite e vai para a cidade. Quando eles vêm, escondo-os nos fundos da minha casa e nenhum policial o verá. É um bom gin. Vamos continuar cozinhando nosso gin. Não vejo a diferença entre ele e o gin vendido em garrafas especiais nas lojas." (NWAPA, 1966, p. 9)

Para as mulheres, os efeitos do colonialismo foram múltiplos. De um lado, o acesso à educação ocidental possibilitou que elas fossem capazes de ter maior independência e autonomia. O colonialismo deu oportunidades econômicas que ajudaram a melhorar a vida de muitas mulheres, assim como o acesso à medicina



Figure 12 Homens da cidade de Onisha trabalhando na construção de linha de ferro durante a expansão colonial inglesa na Nigéria. Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/b9/83/f8/b983f8f67f76218b81b231ea9a1a8113.jpg>

ocidental ajudou a curar males até então considerados incuráveis. Por outro lado, a ideologia ocidental reduziu o *status* da mulher africana na sociedade, negando a elas oportunidades em empregos assalariados e impedindo-as de migrar para a cidade. Muitas habilidades e recursos disponibilizados pela empresa colonial foram dedicados exclusivamente aos homens.

Sugestão de atividade:

1. Identifique nas narrativas trechos que evidenciem o impacto do colonialismo na sociedade igbo.
2. Pesquise a origem da ideia de “missão civilizadora do homem branco” e relacione-a com o colonialismo descrito nas narrativas das personagens de Flora Nwapa.

Trabalho

Ela se recusou a ir para a fazenda. Ela está negociando em seu lugar. Ela disse que não foi feita para o trabalho agrícola (NWAPA, 1966, p. 7)¹⁴

O povo igbo tem em suas raízes históricas a agricultura como principal atividade vinculada a várias es-

feras da vida, principalmente o cultivo do inhame que, segundo a cosmogonia igbo, o deus supremo Chukwu havia ensinado aos ancestrais. Outra importante atividade era o comércio de produtos como inhame, óleo de palma, mandioca, **peixes** e tecidos. Muitos igbos enriqueceram e adquiriram títulos graças a sua atuação no comércio colonial de escravizados e, mais tarde, de óleo de palma.

Gilbert era um bom pescador. Ele aprendeu a pescar quando menino e agora ele era quase um especialista. Não havia muitos pescadores profissionais na cidade, apesar de terem o lago para pescar. Eles também tinham o riacho que corria para o lago e o rio também que corria para o lago. A vida de pescador era tão precária que os homens combinavam pesca com agricultura, pesca com comércio e assim por diante. Mas parecia que todos os que nasceram naquela cidade sabiam pescar e sempre podiam pegar peixe para uma refeição, se ele se desse ao trabalho de pescar no lago ou no córrego ou no rio. (NWAPA, 1966, p. 147)

A colonização, ao alterar o foco das atividades econômicas na Nigéria para o comércio exterior, impactou de forma negativa na produção de alimentos, fazendo com que muitas mulheres se dedicassem ao cultivo e comércio da mandioca (menos trabalhos que o inhame) para garantir a sobrevivência princi-

¹⁴ She refused to go to the farm. She is trading instead. She said she was not cut out for farm work (tradução nossa)



Figure 13 Foto de mulheres comerciantes em mercado na cidade de Onitsha.

Fonte: <https://www.tekedia.com/marketing-and-sales-strategies-of-onitsha-main-market-traders/>

palmente nas regiões do interior. O foco da política colonial britânica nas exportações promoveu a expansão do trabalho assalariado, motivando o êxodo rural para as cidades. Ao mesmo tempo, a política britânica impôs aos nigerianos a aquisição de bens de consumo ingleses, impedindo o desenvolvimento da produção local. As pessoas poderiam ser punidas até com prisão caso fossem pegas com produtos ilegais.

Sugestão de atividades:

1. Identifique nas narrativas a relação das personagens com o trabalho:
2. Como a colonização afetou o trabalho das mulheres?

Educação e Relações Sociais

Um grande homem nos deixou. Você não dispara canhões quando um homem comum morre. Os canhões podem ser vistos apenas na casa dos homens ricos. Canhões são símbolo de grandeza. (NWAPA, 1966, p. 252)¹⁵

A aldeia igbo era o centro da vida social. Ela também era a unidade política da sociedade ibo, na qual todas as decisões eram tomadas pelos anciãos, chefes de famílias e representantes de associações ou grupos cujos indivíduos se reuniam de acordo com a faixa etária. Mesmo com a violência colonial, essa estrutura fundamentada no respeito aos ances-

trais e aos feitos de um indivíduo permaneceu.

Um homem igbo se destacava na comunidade não só por seus feitos, mas também pelos títulos que adquiria por meio da compra. Muitos ibos enriqueceram graças aos recursos acumulados com as atividades comerciais seja no comércio escravista ou no comércio exterior.

O pilar da sociedade igbo era a Umunna, ou seja, a família extensa formada a partir de uma linhagem descendente masculina. O calendário dos ibos era diferente daquele usado pelos povos europeus: cada semana era constituída por quatro dias (também conhecidos como dias de mercado), o eke, oye (ou orie), nkwo e afo. Em algumas comunidades ibos atuais, esse modelo de contar a semana ainda é utilizado.

O vínculo familiar, assim como o casamento, não era somente a união de dois indivíduos a partir de uma perspectiva romântica ocidental, mas sim uma instituição direcionada para o bem da família e da comunidade. **Há entre os igbos a prática do dote para o casamento**, ou seja, pagamento em forma de bens ou dinheiro dado à família da noiva.

¹⁵ A great man has left us. You don't fire cannons when an ordinary man dies. Cannons can be seen only in wealthy men's house. Cannons are the sign of greatness.

[...]

"E você? Quando vai se casar?"

"Assim que eu puder pagar o dote. Ex-militares tornaram as coisas difíceis para nós. Agora, um homem que tem quatro filhas adultas pode considerar-se um homem muito rico. Cada filha trará ao pai pelo menos cem libras em dinheiro, em dinheiro bruto."

"Você está certo. Mas você deve se casar. Não faz parte da nossa cultura permanecer solteiro."

[...] Gilbert lembrou-se do provérbio que dizia que, por melhor que seja um pretendente, ele nunca recebe uma noiva a troco de nada. (NWAPA, 1966, p. 241)

os ingleses recrutavam jovens para o exército nigeriano que combateu ao lado dos ingleses nas duas grandes Guerras Mundiais.

"[...] O que exatamente eles ensinam na escola deles para zombem de nós e se oponham a nós em quase tudo?"

"É isso aí. O mundo está mudando. Agora é o mundo dos brancos. Nós e nossos avós parecem não ter importância hoje em dia. Somos velhos; deixe-me lhe trazer vinho de palma, é tudo o que tenho hoje." (NWAPA, 1966, p. 245)

Sugestão de atividade:

1. Retire trechos das narrativas das personagens que exemplifiquem os seguintes aspectos:

- a) formas de obtenção de prestígio e título na sociedade ibo:
- b) formas de educação das crianças e jovens ibos:
- c) interferência colonial na educação:
- d) a importância do casamento:

Os mais velhos são os transmissores de saberes e conhecimento aos mais jovens, são eles que devem garantir que as novas gerações mantenham as crenças e costumes dos seus ancestrais. **Durante a colonização, as escolas instauradas pelo colonizador**, em sua maioria dirigidas por grupos missionários, também assumiram papel na educação dos jovens igbos, principalmente os das famílias de mais prestígios e títulos. Ali elas aprendiam o inglês, recebiam um nome "cristão" e, às vezes, conseguiam uma formação em universidades estrangeiras.

Como a educação era cara, as famílias priorizavam investir na formação dos meninos, desse modo foram poucas famílias que educaram suas filhas nas escolas coloniais. Eram nessas escolas que



Figure 14 Foto de estudantes de escola cristã em Onisha, 1945. Fonte: <http://emeagwali.com/photos/nigeria/christ-the-king-college-onitsha-nigeria/christ-the-king-college-1945-2.jpg>



Fontes de pesquisa

Trechos retirados da literatura divididos por temas.
NWAPA, Flora. **Efuru**. London: Heinemann, 1966.

Cosmogonia e Ancestralidade

Díbia lendo previsões por meio da noz de cola:

“Ele quebrou a kola e franziu a testa preocupado. ‘Nossos pais proibem, Deus proíbe. Deus não concorda com isso’, disse o velho de uma só vez. ‘Por que eu nunca vi isso antes? Temos um pedaço de kola. Não é um bom sinal meus filhos’ “(p.37)

Ossai comentando sobre o comportamento do filho

O filho de um gorila deve dançar como o pai gorila. Nossos anciões estavam certos quando disseram

isso. Adizua é cada centímetro igual ao pai. Deus, por favor, não deixe que ele seja como o pai. Efuru é uma esposa tão bonita e boa. Como ela concordou em se casar com ele é o que eu não consigo entender. Se Efuru partir, será o meu fim. Deixo de viver o dia em que Efuru largar meu filho. (p. 59)

Festival do Novo Inhamé:

A cidade estava em clima de festa quando Nwosu voltou. Era a festa do novo inhamé - o tempo da abundância. Não importava se um fazendeiro havia pago pelo dinheiro emprestado por sua fazenda ou não. Tudo o que importava era que o trabalho do ano todo chegara ao fim e que estava na hora da festa.

Então Nwosu chamou seus amigos. Ele comprou uma garrafa de aguardente e cerca de três garrafas de gin caseiro. Então ele comprou vários barris de vinho de palma. Sua esposa também estava em clima de festa e por um tempo esqueceram que deveriam pagar o dinheiro de Efuru. Os amigos de Nwosu vieram, dançaram e beberam vinho.

Depois disso, ele matou um galo branco por seu chi e sua esposa também matou um galo por seu próprio chi. O chi deles os salvou da morte e, portanto, eles ficaram agradecidos.

As crianças tiveram um papel importante neste momento. A lua estava cheia. Eles se organizaram em grupos e cantaram de porta em porta. (p.126)

Efuru conta ao díbia sobre seus sonhos com a deusa Uhamiri:

Sonho várias noites com o lago e a mulher do lago. Duas noites atrás, o sonho foi muito nítido. Eu estava nadando no lago, quando um peixe levantou a cabeça e me pediu para segui-lo. Tola, eu nadei atrás dele. Mergulhamos. Cheguei ao fundo do lago e, para minha surpresa, vi uma mulher elegante, muito bonita, penteando seus longos cabelos negros com um pente dourado. Quando ela me viu, parou de pentear os cabelos e sorriu para mim e me pediu para entrar.

Entrei. Ela me ofereceu cola, me recusei a tomar, ela riu e não insistiu. Ela me chamou para segui-

-la. Eu a segui como se estivesse possuída. Fomos ao lugar que ela chamou de cozinha. Ela usou diferentes tipos de peixes como lenha, peixes grandes como asa, echim, aja e ifuru. Então ela me mostrou todas as suas riquezas. Quando estava prestes a sair da casa dela debaixo da água, acordei. Eu contei ao meu marido. Ele não conseguia entender o sonho. Então ele me pediu para vir e contar.

O que notei até agora toda vez que sonhava com a mulher do lago era que todas as manhãs, quando ia ao mercado, vendia todas as coisas que levava ao mercado. Os devedores vieram por conta própria para pagar suas dívidas. (p. 182)

Nwabata atribui ao chi do marido a sua pobreza:

Este foi o décimo quinto ano de sua vida de casada e, quando ela olhava para trás, via que eles foram anos de longo sofrimento. Ela não podia atribuir a pobreza deles à preguiça. O marido não era preguiçoso. Era o chi deles o responsável (p. 211)

Dibia descreve o ritual a ser realizado para que Ossai reveja seu filho:

“[...] Eu não vou dar remédio a ela. Nenhum remédio a curará. Ela terá que realizar um sacrifício aos antepassados e aos deuses para que eles tragam o coração de seu filho para casa. Então você deve comprar um ovo, uma garrafa de óleo de palma e uma nova panela de barro. Quando o galo cantar, ela deve se levantar e lavar o rosto e as mãos. Ela vai colocar o ovo na panela e adicionar um pouco de óleo. O óleo deverá cobrir o ovo totalmente. Então ela levará a panela para uma encruzilhada e quebrará o conteúdo da panela ali. Depois voltará para casa rapidamente. Ela mesma tem que fazer isso” disse a dibia.

“[...] ela deve fazer sozinha, me disseram. Não será eficaz se ela não fizer isso sozinha. Depois disso, o sacrifício irá para a mulher do lago. A mulher do lago se aproximará do rio Grande e o rio Grande, por sua vez, amolecerá o coração de Adizua, e ele voltará para casa, para sua mãe.” (p.198)

A relação entre o deus do Grande Rio e a deusa do Lago Azul:

Por fim, Nwosu e o pescador viram as águas do lago azul se misturando lindamente, majestosamente e calmamente com as águas marrons do rio Grande. O local pode ser muito calmo ou muito irregular, dependendo do clima entre Uhamiri, a dona do lago, e Okita, o dono do Grande Rio. Os dois deveriam ser marido e mulher, mas eles governavam domínios diferentes e quase sempre brigavam. Ninguém sabia a causa ou natureza de suas brigas constantes. (p.255)

Efuru descreve o ritual que a julgou sobre a acusação de adultério:

“Então liguei para meus amigos e contei a eles formalmente do que fui acusada. De acordo com o costume de nosso povo, membros selecionados do meu grupo de amigos foram até o santuário de nossa deusa - Utuosu. Lá eu jurei pelo nome de Utuosu que ela poderia me matar caso eu tivesse cometido adultério. Ela deveria me matar se, desde que me

casei com Eneberi, qualquer homem em nossa cidade, em Onicha, Ndoni, Akiri ou em qualquer outro lugar em que eu estive, tivesse visto minhas coxas.

Permaneci por sete Nkwos e agora estou absolvida. Utuose não me matou. Ainda estou viva. Isso significa que eu não sou uma mulher adúltera. Então aqui estou. Eu terminei onde comecei - na casa de meu pai. A diferença é que agora meu pai está morto. Mas não tenho nada a dizer para Eneberi. Ele sempre se arrependeu de seu ato. É a vontade de nossos deuses e do meu chi que tal infortúnio tenha acontecido comigo.” (p. 277)

Laços de linhagem

Efuru descrevendo a emoção de ser mãe:

Efuru estava lá pensando em tudo. “Isso está acontecendo comigo ou com alguém que eu conheço, esse bebê é meu ou de outra pessoa? É verdade que tive um bebê, que sou uma mulher afinal. Talvez eu esteja sonhando. Logo acordarei e descobri que não é real.” (p. 33)

Sobre o estigma que fica na mulher que é abandonada pelo marido:

“Não diga isso, minha filha, não diga isso. Dizemos que uma mulher deixou seu marido, mas nunca dizemos que um marido deixou sua esposa. As esposas deixam o marido não o contrário.”

Efuru começou a rir. “É a mesma coisa para mim ‘

“Não, não é a mesma coisa.” (p. 111)

Sobre mulheres frequentarem escola:

“Quem sabe se ela está noiva?”

“É fácil descobrir. Ela é linda e bem comportada também. Ela será uma boa esposa para Eneberi.”

“Mas ela parece que vai para a escola, isso será um obstáculo.”

“Isso não é obstáculo. Ela terá que deixar a escola se decidirmos tê-la como esposa de Eneberi “ (p. 227)

Conselho do pai de Efuru a ela no dia de seu casamento:

“Este é o seu marido. Cuide dele e ele cuidará de você. Não fale severamente com ele. Se ele te irritar, espere até irem dormir. Então pergunte a ele baixinho por que ele está incomodado com você. Ele vai explicar. Respeite seu marido e a família dele. Sempre os trate bem. Não custa nada ser cor-tês com as pessoas.” (p. 168)

Duas mulheres conversando sobre o casamento de Efuru e Gilbert:

“Você viu o corpo dela enquanto ela estava se trocava?” Uma das mulheres perguntou.

“Então você reparou. Eu também reparei. Nada aconteceu. Você pode ter certeza disso, nada aconteceu. E eu tenho medo, porque Eneberi é o único filho de sua mãe. A mãe dele adoraria cuidar dos netos. Bobagem, preciso ver a mãe de Eneberi. Uma mulher, esposa nesse caso, não deve parecer fascinante o tempo todo e cumprir a importante função que ela é obrigada a cumprir “ (p. 172)

Efuru refletindo sobre a infertilidade:

Efuru voltou para casa naquela noite com o coração pesado. Não foi a ideia de outra esposa para Gilbert que deixou seu coração tão pesado. Era o fato de ela ser considerada estéril. Era uma maldição não ter filhos. Seu povo não considerava isso apenas um dos numerosos acidentes da natureza. Era considerado um fracasso. (p. 207)

Colonialismo

Sobre o consumo escondido de bebida caseira:

“Você vai gostar do gin. Minha filha cozinha na fazenda. Quando ela termina, ela a coloca em uma canoa na calada da noite e vai para a cidade. Quando eles vêm, escondo-os nos fundos da minha casa e nenhum policial o verá.”

“É um bom gin. Vamos continuar cozinhando nosso gin. Não vejo a diferença entre ele e o gin vendido em garrafas especiais nas lojas.” (p. 9)

Sobre os jovens que são enviados à escola do colonizador:

Ela não via aquele homem há anos, porque os pais dele decidiram mandá-lo para a escola quando ele tinha dezesseis anos. Portanto, ele não pôde se juntar a seu grupo de amigos para dançar e fazer festas, porque a Igreja franziu a testa para essas associações. A Igreja considerava pagão continuar dançando com seu grupo de amigos enquanto você estava na escola. Quando seus pais o enviavam para a escola, você automaticamente se tornava cristão. (p. 103)

Como os igbos entendem o impacto do colonialismo na justiça:

“O mundo está ruim. Na minha juventude, não havia roubo. Se você roubava, era vendido como escravo. Se sua propriedade fosse roubada, você simplesmente ia a um dos ídolos e rezava para que ele encontrasse o ladrão. Antes de dois ou três dias, você recuperava sua propriedade. Mas esses frequentadores de igreja estragaram tudo. Eles nos

dizem que nossos deuses não têm poder, então nosso povo continua roubando.” (p. 223)

A história do jovem Sunday e a convocação de igbos para o exército:

Sunday estava no exército e viera pra casa pela primeira vez desde que havia sido recrutado. Ele e Gilbert frequentaram a mesma escola primária e ambos saíram no mesmo ano. Sunday queria ser professor, mas quando a guerra chegou, ele se juntou ao exército. Ele não se juntou ao exército voluntariamente ou por qualquer convicção. Isso aconteceu da maneira mais dramática. Um oficial do exército britânico muito impressionante, deve ter sido tenente, veio à escola uma tarde. Ele teve uma breve conversa com o diretor e Sunday, junto com outros quatro garotos enormes, se juntou ao exército. Seus pais choraram no dia em que ele se despediu deles. Sua mãe não conseguiu superar. Ela chorou e incomodou o marido, dizendo que ele havia sido tolo por mandar o filho para a escola. Se o filho dela fosse um dos meninos analfabetos da vila, ele não teria ido para o exército.

Nenhum dos soldados havia retornado à pequena cidade desde o início da guerra, mas eles ouviram histórias fantásticas sobre eles. Soldados comiam carne humana. Se eles estavam com fome e não havia comida para comer e ninguém para comer, eles cortavam a própria carne e comiam-na crua. Se estavam com sede e não havia água para beber, bebiam a urina. A mãe de Sunday ouviu essas histórias. Então, cada vez que ela se lembrava deles, seu sangue gelava. (p. 235)

Crítica à educação nas escolas coloniais:

“[...] O que exatamente eles ensinam na escola deles para que zombem de nós e se oponham a nós em quase tudo?”

“É isso aí. O mundo está mudando. Agora é o mundo dos brancos. Nós e nossos avós parecem não ter importância hoje em dia. Somos velhos; deixe-me lhe trazer vinho de palma, é tudo o que tenho hoje.” (p. 245)

Referência ao comércio entre homens igbos e europeus durante o período de tráfico de escravizados:

Nwosu e o pescador podiam agora se lembrar vagamente da história dos canhões contada por seus pais. Quando os traficantes davam ao povo os canhões em troca de escravos. Os traficantes brancos eram portugueses, holandeses, ingleses ou franceses. As pessoas os consideravam homens brancos, sua nacionalidade não fazia diferença, eram todos iguais. Os traficantes brancos davam a eles os canhões, as armas e bebidas. As bebidas fizeram o que o cânhamo indiano está fazendo na política hoje. A única diferença é que as bebidas eram legais e o cânhamo indiano ilegal, mas ambos dessemelhavam a mesma função.

Os canhões eram de propriedade de famílias muito importantes que participavam ativamente do tráfico de escravos. Eles eram importantes por serem privilegiados por terem tido contato com os traficantes de escravos. Nwosu e o pescador não con-

seguiram lembrar o que os canhões, as armas e as bebidas fizeram pelo povo. Tudo o que aconteceu, aconteceu quando elas eram crianças. Agora, o disparo do canhão não apenas anunciou a morte de um grande homem, mas também anunciou que os ancestrais do grande homem tinham relações com os homens brancos, que negociavam escravos. (p. 254)

Trabalho

O sucesso de Efuru e Adizua no comércio:

Efuru e o marido comercializavam inhame. Remavam em uma canoa de sua cidade até um afluente do Grande Rio e de lá para Agbor. Lá, eles compravam inhame e outras coisas raras em sua cidade e os vendiam com lucro. Quando o comércio de inhame estava ruim, comercializavam peixe seco e lagostim. Foi com lagostins que eles fizeram sua fortuna. (p. 19)

Ogea sendo oferecida para trabalhar como empregada na casa de Efuru:

“A estação de plantio está próxima. Não há dinheiro para comprar inhame para plantar. Não há dinheiro a esposa dele negociar mandioca, que está lucrativa agora. Ele me viu hoje de manhã e quando eu lhe disse que você queria uma empregada, ele ficou satisfeito. ‘Por favor, peça que ela tome minha filha como empregada e me dê dez libras. No final do ano, daremos a ela dez libras mais quatro libras de juros e levaremos nossa filha’, ele me disse. Prometi a ele que falaria com você e aqui está a criança. Se não a quiser, ela terá que voltar para o pai.” (p. 41)

Nwosu contando as dificuldades do trabalho agrícola:

“Sou conhecido em nossa fazenda como um grande fazendeiro de inhame. Dois anos atrás, meus inhames eram tão grandes que, quando foram colocados no mercado para venda, um deles cus-

tou cinco xelins e eu recusei. Consegui reconstruir minha casa que estava caindo e paguei tudo o que eu devia e até ganhei um título. Então, no ano passado, trabalhei muito. Eu tenho trabalhadores para me ajudar. Meus inhames estavam indo muito bem. Então, apenas algumas semanas antes da colheita, as inundações chegaram. Foi mais cedo do que o habitual. Minha esposa me chamou, porque eu tinha ido para a cidade. Eu vim imediatamente e começamos a colher. Era tarde demais. Eu trabalhei como nunca havia trabalhado antes. A inundação chegou e zombou de todos os meus esforços. A água atingiu minha barriga. Não adiantava. Eu desisti. Vi com os olhos a destruição do meu suor e trabalho.” (p. 43)

Sobre o trabalho na pesca:

Gilbert era um bom pescador. Ele aprendeu a pescar quando menino e agora ele era quase um especialista. Não havia muitos pescadores profissionais na cidade, apesar de terem o lago para pescar. Eles também tinham o riacho que corria para o lago e o rio também que corria para o lago. A vida de pescador

era tão precária que os homens combinavam pesca com agricultura, pesca com comércio e assim por diante. Mas parecia que todos os que nasceram naquela cidade sabiam pescar e sempre podiam pegar peixe para uma refeição, se ele se desse ao trabalho de pescar no lago ou no córrego ou no rio. (p. 147)

Educação e Relações Sociais

Sobre a relação entre um casal:

“Por que eles devem ir a esses lugares juntos? A culpa é sua por permitir que eles fiquem juntos sempre. Eles são companheiros? Eles não sabem que um homem e uma mulher não devem ser vistos juntos com frequência, sejam eles casados ou não. Amede, você deve cuidar disso. Você se comporta como se não fosse mais a mesma. O que aconteceu com você?”

A mãe de Gilbert não disse uma palavra. As objeções da mulher foram uma surpresa para ela, porque ela não tinha pensado naquilo antes. Lem-

brou-se de quando era recém casada com o pai de Gilbert. Se eles tivessem que ir a um lugar juntos, ela deixava o marido ir na frente enquanto caminhava atrás dele. (p. 147)

Discussão entre Nwabata e Nwosu sobre a importância de títulos:

“E o que? Eu te disse, não disse? Eu disse para você não comprar esse título, não disse? Após a venda desses inhames de aparência miserável, eu lhe disse para levar algum dinheiro para Efuru, por menor que seja. Você preferiu comprar um título. Agora não há dinheiro para limpar a fazenda, muito menos para comprar o inhame para o plantio. O que você quer que eu entenda? Entender que é melhor ter um título do que morrer de fome?”

“Mulher, você é tão irracional. Quantas vezes eu ouvi isso? Você sabe por que eu comprei o título. Você sabe o quanto fui humilhado pelos membros do meu grupo que receberam títulos. Você mesmo estava apoiando isso na época. Eu te consultei. Por que você está falando agora como se eu tivesse feito isso sem o seu consentimento?” (p. 209)

Gilbert e seu amigo conversando sobre casamento e dote:

“E você? Quando vai se casar?”

“Assim que eu puder pagar o dote. Ex-militares tornaram as coisas difíceis para nós. Agora, um homem que tem quatro filhas adultas pode considerar-se um homem muito rico. Cada filha trará ao pai pelo menos cem libras em dinheiro, em dinheiro bruto.”

“Você está certo. Mas você deve se casar. Não faz parte da nossa cultura permanecer solteiro.” [...] Gilbert lembrou-se do provérbio que dizia que, por melhor que seja um pretendente, ele nunca recebe uma noiva a troco de nada. (p. 241)

Ajanupu fala com Efuru sobre a criação de Ogea:

Quando Ajanupu viu Efuru à noite, ela contou sobre Ogea. “Você está estragando Ogea. Você apenas a deixa fazer o que ela gosta. Lembre-se de que ela é uma menina e se casará um dia. Se você não a educar bem, ninguém se casará com ela. A

propósito, ela sabe cozinhar agora?”

“Ela cozinha inhame para Ogonim. É tudo o que ela sabe fazer.”

“Você quer dizer que ela não sabe bater fufu?”

“Não, ela não bate fufu, eu mesmo faço isso.”

“Uma garota da idade dela deve saber cozinhar tudo. Você é a culpada.” (p. 50)

Cerimônia do casamento e pagamento do dote:

Naquela noite, Gilbert e alguns membros de sua família foram à casa do pai de Efuru. Eles trouxeram consigo nozes de cola, vinho de palma, gim caseiro e aguardente. A família de Gilbert e a de Efuru encheram o obi do pai dela. Os parentes de Gilbert disseram às pessoas por que eles tinham vindo e Efuru foi questionada se deveriam beber vinho. Depois do vinho, o dote foi resolvido e Gilbert pagou em dinheiro. (p. 168)

Ajanupu e os cuidados com parturientes

Antes de Ajanupu ir para casa, listou tudo o que era proibido para uma mulher grávida. Ela não deve sair sozinha à noite. Se ela tiver que sair, então alguém deve ir junto e ela deve carregar uma pequena faca. Quando ela estiver sentada, ninguém deve cruzar a perna. (p. 29)

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p 5 – 20, jan./jun. 2008

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva.

ACHEBE, Chinua. Chi in Igbo Cosmology. In: ACHEBE, Chinua. **Morning Yet on Creation Day: Essays**. London: Heinemann, 1975. p. 93-97.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org). **O saber Histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

BOAHEN, Albert Adu (Ed.). **História Geral da África VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: Unesco, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.

CHUKU, Gloria. Flora Nwapa, Igbo Culture and Women's Studies. In: CHUKU, Gloria (Ed.). **The Igbo Intellectual Tradition**. New York: Palgrave Macmillan, 2013. p. 267-294.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M.. **A History of Nigeria**. Cambridge: Cambridge

University Press, 2008.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. 3 ed. Mem Martins: Europa-América, 1999.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: histórias e civilizações**. Tradução de Alfredo Margarido. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

MORTARI, Claudia. O “equilíbrio das histórias”: reflexões em torno de experiências de ensino e pesquisa em História das Áfricas. In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Silvio Marcus de Souza (Orgs.). **Nossa África: ensino e pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2016, pp 41-53.

NWAPA, Flora. **Efuru**. London: Heinemann, 1966.

OLIVEIRA, Jackson Luiz Lima. **Identidade Nacional Nigeriana: arranjos institucionais para contrução de uma nigerianidade**. 2018. 79 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PEREIRA, Amílcar Araújo. O movimento negro e a Lei 10.639/2003: da criação aos desafios para a implementação. **Revista Contemporânea de Educação**. Rio de Janeiro. Vol 12, n 23, jan – abr, pp 13 – 30, 2017.

UZUKWU, E. Elochukwu. **Igbo World and Ultimate Reality and Meaning**. In: GRAND SEMINAIRE REGIONAL, Brazzaville, Rep Pop Du Congo, 1982. p. 1 - 16. Disponível em: <www.utpjournals.press/doi/pdf/10.3138/uram.5.3.188>. Acesso em: 08 fev. 2020.



EFURU:

A história das mulheres Igbo na
literatura de Flora Nwapa

Tathiana Cristina Cassiano